



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

**A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E AS DESIGUALDADES ENTRE HOMENS E
MULHERES NA ARTE DO BARRO NO ALTO DO MOURA – PERNAMBUCO/BRASIL**

Fernanda Fonseca

fnsconfernanda@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco

Brasil

Tânia Dias

tanialfdias@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco

Brasil

Roberta Campos

robertabivar@gmail.com

Universidade Federal de Pernambuco

Brasil



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

RESUMEN

O Alto do Moura, localizado na cidade de Caruaru – Pernambuco/Brasil, se caracteriza como um centro difusor da cultura local, indo além dos limites da comunidade, sendo distribuída em níveis internacionais. Ao pesquisar sobre arte do barro do Alto do Moura, muitos nomes surgem na pesquisa bibliográfica e no próprio imaginário social. Entretanto, a maioria desses nomes que aparecem são masculinos. O que nos leva a questionar onde estão as mulheres nessa produção e se elas sequer estão nela. Através da pesquisa de campo foi possível fazer uma análise da totalidade do bairro do Alto do Moura. E a partir dessa reflexão e submersão no campo, é possível observar que o lugar ocupado pela mulher nessas relações de produção se configura como reflexo do que teóricas feministas chamam de divisão sexual do trabalho (Hirata; Kergoat, 2007), em que esta “permite perceber nuances da exploração capitalista muitas vezes despercebidas devido à naturalização da subalternidade das mulheres nesta sociedade, assim como de papéis por elas desempenhados” (Cisne, 2012). Tal categoria da divisão sexual do trabalho torna possível uma análise sucinta da questão da produção das peças que saem do bairro que, na maioria das vezes, são feitas por homens (considerados artistas e Mestres) e pintadas por suas esposas (que não levam crédito por isso). Mesmo que tenham mulheres com destaque nacional e internacional como Socorro e Marliete, estas configuram-se como exceção, e não uma regra para a questão das mulheres dentro do artesanato. E mesmo que haja a produção do “barro utilitário” são as mulheres suas principais produtoras, o que tende a reiterar papéis sociais de sexo. Nesse sentido, o presente trabalho se propõe a questionar em que medida as desigualdades entre homens e mulheres e, principalmente, a divisão sexual do trabalho estão presente no cotidiano das artesãs, assim como suas produções na arte do barro podem vir a ser uma tentativa de ruptura com o sistema patriarcal.

ABSTRACT



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

The Alto do Moura, located in the city of Caruaru – Pernambuco/Brasil, it is characterized as a diffuser center of local culture, going beyond community boundaries, being distributed in international levels. When searching about the clay art in Alto do Moura, many names emerge in the bibliographical research and in the own social imaginary. However, most of these names that show up are masculine. Which leads us to question where are the women in this production and whether they are not even in it. Through the field research was possible to do a totality's analysis of the Alto do Moura's clay. And from this reflection and submersion in the field, it is possible to observe the place occupied by the woman in these production relations is configured as a reflex of what feminist theorists call the sexual division of labor (Hirata; Kergoat, 2007), wherein "allows to perceive nuances of capitalist exploration many times unnoticed because of the women's subalternity naturalization in this society, as well as roles played by them" (Cisne, 2012). The sexual division of labor category makes possible a succinct analysis of the clay piece's production that leave the neighborhood that, mostly, are made by men (seen as artists and masters) and painted by their wives (that do not take credit for this). Even if there are women within national featured as Socorro and Marliete, they are configured as an exception and not a rule for the women's question inside the craft. And even if there is the "utilitary clay"'s production, women are their main producers, what tends to reiterate social sex roles. In this sense, the present essay it is proposed to question in what extend the inequality between men and women and, mainly, the sex labor division are presents in artisan's daily, as well as their production in the clay art may come as an rupture's alternative with the patriarchal system.

Palabras clave

arte do barro; divisão sexual do trabalho; Alto do Moura

Keywords

clay art; sex labor division; Alto do Moura



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

I. Introducción

O Alto do Moura, localizado na cidade de Caruaru – PE, vem tendo maior visibilidade por parte da sociedade (tanto a acadêmica quanto a não acadêmica). O bairro se caracteriza como um centro difusor da cultura local que vem sendo distribuída não apenas localmente, mas também internacionalmente. Ao pesquisar sobre arte do barro do Alto do Moura, muitos nomes surgem tanto na própria pesquisa bibliográfica, quanto no próprio imaginário social e uma coisa que pode ser percebida é que a maioria dos nomes que aparecem são masculinos – com apenas um nome feminino tratado com bastante superficialidade (Dona Celestina). Tal fenômeno, ao ser considerado a partir de uma perspectiva sócio-antropológica, nos leva a questionar onde estão as mulheres nessa produção e se elas sequer estão nela.

Através da pesquisa de campo foi possível - simultaneamente com a leitura de teóricos como Mauss (2005), Sennett (2013) e outros - fazer uma análise da totalidade do bairro do Alto do Moura e da prática de seus artesãos e artesãs, para tentar abordar como as práticas cotidianas seriam fundamentais para se entender questões sociológicas. Ou seja, baseando-nos em um estudo sócio-antropológico das práticas e técnicas foi possível compreender lógicas sociais e a relação dos atores para com a sociedade e a cultura.

Nesse sentido, a partir dessa reflexão e submersão no campo, é possível observar que o lugar ocupado pela mulher nessas relações de produção é consequência do que teóricas feministas chamam de divisão sexual do trabalho (Hirata; Kergoat, 2007). Categoria esta fundamental para a tentativa de compreender a lógica (tanto no nível da produção quanto no nível familiar) do Alto do Moura porque “a análise da divisão sexual do trabalho permite perceber nuances da exploração capitalista muitas vezes despercebidas devido à naturalização da subalternidade das mulheres nesta sociedade, assim como de papéis por elas desempenhados” (Cisne, 2012, p. 113). Ou seja, tal categoria torna possível uma análise sucinta da questão da produção das peças que saem do bairro e que, na maioria das vezes, são feitas por homens (que são considerados os artistas e Mestres) e pintadas por suas esposas (que não levam crédito algum por isso).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

Entretanto, cabe ressaltar que esta realidade não diz respeito à totalidade das produções do Alto do Moura visto que, em relação ao “barro utilitário” (um produto com menos visibilidade) as mulheres são suas principais produtoras – o que, em certo sentido, pode reiterar papéis sociais de sexo. Portanto, mesmo que tenham mulheres com destaque nacional e internacional como Socorro e Marliete, estas configuram-se como exceção e não uma regra para a questão das mulheres dentro do artesanato. Em verdade, elas são a exceção que confirma a regra para o contexto do Alto do Moura.

Dessa forma, a análise do caso específico do Alto do Moura, leva à reflexão de como a divisão sexual do trabalho não é algo específico da comunidade, mas algo recorrente na cultura ocidental, uma vez que “falar em termos de divisão sexual do trabalho é ir mais além de uma simples constatação de desigualdades: é articular a descrição do real com uma reflexão sobre os processos pelos quais a sociedade utiliza a diferenciação para hierarquizar essas atividades” (Kergoat, 2009, p.72).

Por ser o objetivo do presente trabalho uma análise específica da comunidade do Alto do Moura, não caberia aqui a discussão da realidade de demais estados brasileiros que contam com mulheres em posições de destaque dentro da produção artística. O que cabe é o questionamento de que no Alto do Moura a especialização, ou a transformação da produção do barro (não o utilitário) em arte, coincide, talvez, com exclusão do protagonismo feminino? Ou o fato de os mestres da primeira geração (como Vitalino e Galdino) terem sido homens marca essa atividade artística como sendo masculinista?

Com base nisso, os objetivos que guiaram o presente trabalho foram, especificamente, investigar processos sociais de invisibilização do trabalho feminino; investigar e analisar tarefas do trabalho feminino nas artes do barro; e investigar e analisar os caminhos e encontros que Socorro e Marliete trilharam para alcançar destaque no contexto de produção da arte de barro no Alto do Moura. E as questões perseguidas podem ser assim anunciadas: que processos sociais particulares se desenvolvem na invisibilização do trabalho feminino nas artes do barro?; quais são as tarefas típicas das mulheres no trabalho cotidiano relacionado à cerâmica do Alto do Moura?; e que processos, que caminhos, Socorro e Marliete tiveram de trilhar para alcançarem proeminência neste contexto social.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

II. Marco teórico/marco conceptual

O movimento feminista, enquanto um movimento social organizado, ganha visibilidade no Ocidente no século XIX. Marcado por pautas, vertentes e formas de reivindicação distintas, tal movimento, ao considerar o lugar de submissão destinado às mulheres na sociedade, reivindicou direitos e equidade entre os sexos. De um ponto de vista cronológico ao movimento, sua história tem sido descrita em termos de “ondas” – no entanto, sabe-se de seu caráter não linear e plural (Louro, 1997). Com o desenvolvimento do movimento feminista, estudos relacionados à vivência das mulheres foram desenvolvidos no intuito de desmistificar a desigualdade sexual sofrida por estas nas diversas esferas da sociedade. Isso reverberou em mudanças sociais, tais como: a refutação de papéis sociais femininos ligados à esfera biológica, direitos políticos e civis para as mulheres, a questão da liberação sexual feminina etc.

A segunda onda do feminismo tem início no contexto pós-guerra (final da década de 1960), um período em que a ideia de condição da mulher destinada ao ambiente privado é fortemente reativada. Suas demandas apresentam uma maior busca pela igualdade entre os sexos, contando, também, com o surgimento do feminismo acadêmico (Louro, 1997). Nesse período

a retomada do projeto feminista (...), cresce, por toda a parte e com destacado vigor, o interesse em estudos e pesquisas sobre mulheres e relações de gênero, dando margem ao surgimento de um campo de reflexão específico que atravessa diferentes ciências e tradições disciplinares (Costa E Sardenberg, 2010, pp.387-388).

Além do aprofundamento da luta por direitos civis e políticos, a segunda onda do movimento feminista preocupava-se em formular conhecimentos teóricos e epistemológicos que justificassem o lugar de submissão destinado às mulheres na sociedade. Com isso, surgem as diversas correntes teóricas do movimento. Uma delas é a vertente materialista que baseia-se no método materialista histórico de Karl Marx e buscam “localizar a opressão das mulheres no coração da dinâmica capitalista, ao apontar a relação entre o trabalho doméstico e a reprodução da força de trabalho” (Rubin, 1993, p. 3).



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

As próprias relações sociais (tanto no nível microssocial quanto macro) são processos sociais permeados por hierarquias e assimetrias de poder e configuram-se com o que Kergoat (2010) chama de “relações sociais de sexo”, ou seja, são resultado de um sistema hierárquico de dominação-exploração das mulheres. Tanto as relações sociais de sexo, quanto o sistema capitalista têm como base a divisão sexual do trabalho. Este fenômeno possui dois princípios: a separação, na qual são designadas tarefas distintas para ambos os sexos; e a hierarquização, que define a superioridade social do trabalho realizado pelos homens.

Dessa forma, a análise do caso específico do Alto do Moura, leva à reflexão de como a divisão sexual do trabalho não é algo específico da comunidade, mas algo recorrente na cultura ocidental, uma vez que “falar em termos de divisão sexual do trabalho é ir mais além de uma simples constatação de desigualdades: é articular a descrição do real com uma reflexão sobre os processos pelos quais a sociedade utiliza a diferenciação para hierarquizar essas atividades” (Kergoat, 2009, p.72).

Com base nessa categoria, os homens ficam responsáveis pela produção e as mulheres pela reprodução da sociedade, sendo as atividades dos homens dotadas de maior valor e prestígio social, assim como de maior remuneração e as das mulheres de pouco prestígio, sendo, muitas vezes, até mesmo não reconhecidas, como é o caso do trabalho doméstico (Hirata; Kergoat, 2007). O trabalho doméstico é aqui definindo como “um conjunto de tarefas relacionadas ao cuidado das pessoas e que são executadas no contexto da família – domicílio conjugal e parentela – trabalho gratuito realizado essencialmente por mulheres” (Fougeyrollas-Schwebel, p. 257, 2009).

Uma forma de entender essa divisão sexual do trabalho pode ser através de raízes históricas, como aponta Sennett (2013):

A moralidade cristã foi a principal influência na formação do ‘homem’ existente no artífice cristão urbano. Em suas origens, a doutrina da Igreja geralmente considerava o tempo livre como uma tentação, o lazer, como um convite à indolência. Esse temor aplicava-se particularmente às mulheres. Eva encarnava a tentação, distraindo o homem de seu trabalho. Os patriarcas da Igreja consideravam as mulheres especialmente tendentes à licenciosidade sexual se nada tivessem para ocupar as mãos. Este preconceito deu origem a uma prática: a tentação feminina podia ser combatida



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

através de um artesanato específico, o da agulha, fosse na tecelagem ou no bordado, mantendo permanentemente ocupadas as mãos das mulheres (pp. 71-72). Além de que “a noção de ‘ofício de mulher’, surgida no fim do século XIX, definiu-se em torno de ‘qualidades naturais’ nas mulheres, não reconhecidas como qualificação” (Kergoat, Picot, Lada, 2009, p.160). E mais que isso, “A noção de ofício (...) Resulta de uma divisão social e sexual do trabalho: as mulheres estão pouco presentes no artesanato” (*ibidem*, 2009, p. 160).

A importância de tal abordagem se justifica no fato de que:

o mercado de trabalho é um dos lugares onde se constroem, de maneira cotidiana, diferenças e disparidades entre homens e mulheres. Analisar a situação das mulheres no mercado de trabalho é questionar seu estatuto social: o emprego feminino é um fio condutor para compreender o espaço das mulheres na sociedade (Maruani, 2009, p. 86).

Nesse sentido, é no âmbito do mercado de trabalho que as relações sociais de sexo são perpetuadas e, conseqüentemente, onde as hierarquias, fruto dessa opressão, são feitas de maneira “lógica” para o sistema. Também é importante perceber que a divisão sexual do trabalho não ocorre baseada em diferenças biológicas de homens e mulheres, e sim em fatores construídos social e culturalmente que determinam padrões de comportamento aos sexos, assim como “inclinações” para a escolha de determinada profissão ou a predominância de um sexo nas mesmas são fatores não meramente biológicos, mas de relações sociais de sexo previamente repassadas.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

III. Metodología

No momento inicial da pesquisa foi levantada uma bibliografia específica do campo da antropologia e da sociologia (Mauss, 2005; Sennett, 2013; entre outros), a respeito dos temas relacionados ao artesanato e a necessidade de o ligar sempre a um contexto histórico-social, assim como a historicidade de tal prática e como ela se deu e se desenvolveu através do tempo nas diversas sociedades. Além de referências ao barro, também foram feitas leituras sobre gênero (Hirata, 2007; Kergoat, 2009, entre outras) e o fazer etnográfico (Uriate, 2012). Além de todo aparato teórico e conceitual, nos foi apresentada grande parte da história e contextualização do Alto do Moura e sua cultura, suas técnicas do barro e seu modo de viver.

Também foram feitas visitas de campo ao Alto do Moura – PE, que foram divididas em alguns momentos. Em primeiro momento foi uma viagem com um caráter mais exploratório: para reconhecimento do campo e familiarização com os artesãos e artesãs do bairro, assim como entrevistas sobre temas mais gerais. Num segundo momento de ida à comunidade, foram feitas entrevistas mais direcionadas a temas específicos (como o de gênero e a divisão sexual do trabalho) e se contou com o auxílio de questionários semiestruturados.

Além de nos inserirmos na comunidade, também foi feita uma visita de campo à XVII Fenearte realizada no Centro de Convenções em RECIFE – PE, com o intuito de perceber o que estava sendo exposto pelos artistas. A continuação de leituras próximas ao tema da pesquisa se deu em todo momento, simultaneamente, o que tornou possível fazer associações específicas com o objeto de pesquisa aqui proposto.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

IV. Análisis y discusión de datos

O Alto do Moura e sua produção do barro configura-se como um grande centro cultural pernambucano que serve como um difusor da cultura local, mas que previamente era mais um aparato de subsistência para a comunidade que um modo de tentativa de obtenção de lucro. Devido a esta mudança nos fins da própria produção do barro, técnicas, ferramentas e o próprio modo de produção sofreram alterações. Se antes a produção era no âmbito familiar e voltada para fins domésticos, agora apesar desta continuar no âmbito familiar e ser passada de geração a geração, o modo de produção configura-se como sendo de natureza mais fordista – mesmo que seus produtores não tenham conhecimento disso – ou seja, uma produção de massa, voltada para o mercado. Porém, enquanto o modo de produção se desenvolve de acordo com o mercado, o que pode ser verificado através das etnografias realizadas é como a estrutura familiar e a divisão do trabalho ainda permanece de maneira tradicional.

As principais famílias da comunidade são a de Mestre Vitalino, Zé Caboclo e Manuel Eudócio, e são as que tornaram a produção do barro, suas ferramentas e técnicas, o que ela é hoje. Certamente há uma disputa de autoria entre as famílias sobre a criação destas técnicas, porém, com a observação participante dentro do campo, foi possível perceber que a solidariedade e colaboração entre os artesãos e artesãs permanecem dentro da comunidade – o que mostra que o individualismo não se opõe ao sentimento de integração ao mercado.

Entretanto, com as visitas a campo, ficou claro que as duas artesãs de maior prestígio dentro da comunidade (Socorro e Marilete), têm mais interesse em manter esse espírito comunitário entre os demais. Em uma visita, Marilete informou que tem mais prazer em restaurar peças do pai (Manuel Eudócio) porque, segundo ela, é uma forma de “preservar a memória da família”. Indo a campo também foi possível observar que a artesã também usa seu ateliê para expor peças de amigos, vizinhos e familiares. Apesar de um interesse feminino mais evidente na manutenção e propagação da tradição do Alto do Moura, no que concerne a



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

uma ação proativa, artesãos, no geral, também se dedicam a isso ou, ao menos, valoram positivamente tal questão em suas falas. O que é capaz de mostrar como a competição pela criatividade se sobpõem ao sentimento comunitário. A busca pela autoria de novas técnicas e peças não só é justificada por meras questões de “assinatura”, mas também porque com o desenvolvimento do mercado capitalista, este, começou a moldar a competição entre os sujeitos estudados (mesmo que ao mesmo tempo equilibre a convivência da comunidade).

Dessa forma, pode-se ver como as diversas instâncias da cultura e do social influenciam diretamente não apenas em questões econômicas, mas na criação de novas técnicas e peças, ao mesmo tempo em que ressignifica a própria produção do barro – e seus artesãos e artesãs. Isso ficou evidente, após visitas de campo em que foi possível observar novas peças nos ateliês que incluíam novos temas e personagens (a mulher, por exemplo).

Tendo sido observado isso, questionamos aos Mestres, por que essa mudança nos temas e um deles, Seu Luiz Antônio, nos informou que “A gente não pode discriminar as mulheres, se tem poeta, tem que ter também as violeiras” sobre a peça “As violeiras”. Ao questionar as artesãs Marilete, e sua irmã Socorro, elas nos informaram que isso também partiu delas. Socorro, em entrevista nos disse que “eu gosto de mostrar mais, valorizar mais as mulheres”, assim como Marilete também informa que “É importante retratar também a história das mulheres”. Esse tipo de discurso, apesar de não aparecer à consciência reflexiva do indivíduo (ver Giddens, 2003), podemos entender como um discurso com viés feminista mesmo que os sujeitos não o configurem como tal. Ambas as artesãs apresentam uma fala feminista no sentido de uma práxis.

Essa consciência ou desejo de retratar a mulher e sua história, considerando que estamos falando de uma comunidade no agreste pernambucano – notoriamente uma região conhecida por sustentar valores machistas e patriarcais –, e ainda numa comunidade em que o barro é fundado como arte por dois homens (Vitalino e Galdino), nos surpreende e nos faz questionar sobre processos de mudanças e ruptura com uma cultura masculinista, através, quem sabe, de uma prática feminista (sendo esta consciente ou não).

No entanto, apesar dessa inclusão de mais personagens femininas nas peças, nas produções do barro no Alto do Moura, o que pode ser observado (indo a campo ou não,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

através de catálogos) é que a maioria dos nomes de Mestres são homens. O que nos faz questionar o lugar da mulher nessas produções e nessa cadeia de relações – tanto com o mercado, quanto dentro da própria comunidade.

Através das visitas de campo, nos foi informado pelos artesãos que cabe ao Mestre todo o trabalho da produção (modelagem, secagem e queima da peça), enquanto que às mulheres cabe o trabalho de pintura da peça que, apesar de ser nitidamente visível, muitas vezes é invisibilizado. Todos os artesãos que entrevistamos, apontaram que suas esposas (ou demais parentes do sexo feminino) realizam a pintura de suas peças. O Mestre Luiz Antônio informou que sua esposa já o ajudou bastante na pintura, mas que agora, para se dedicar mais ao trabalho doméstico, deixou de fazê-lo. Já o Mestre Antônio Rodrigues, informou que até os dias atuais é sua esposa – esposa esta, que o artesão nos impediu de conceder entrevista porque ela “estava lavando roupa” e estaria ocupada o resto da manhã.

O que sucinta o questionamento de até que ponto, e principalmente “de que maneira”, a mulher tem a chance de romper com tais condições de subalternidade e vir a tornar-se o que hoje Marliete e Socorro são: mestre e artista, respectivamente. Uma vez que o trabalho doméstico não é uma realidade apenas das esposas dos Mestres, mas das mulheres em geral, na comunidade do Alto do Moura.

Com a bibliografia sobre estudos de mulheres, fica evidente que tais práticas podem ser consideradas consequência do que apontam teóricas como Hirata e Kergoat (2007), de uma divisão sexual do trabalho, na qual os homens ficam responsáveis pela produção e as mulheres pela reprodução da sociedade, sendo as atividades dos homens dotadas de maior valor e prestígio social, assim como de maior remuneração e as das mulheres de pouco prestígio, sendo, muitas vezes, até mesmo não reconhecidas, como é o caso do trabalho doméstico (Hirata; Kergoat, 2007) – e, especificamente no Alto do Moura, o trabalho de pintura das peças também.

Isso ficou claro com as idas a campo que as mulheres passavam por uma dupla jornada de trabalho – tanto as esposas dos artesãos, quanto as artesãs em si. Marliete e Socorro nos informaram que recebem ajuda para trabalhos domésticos porque se não, não conseguiriam conciliar o trabalho com o barro, juntamente ao trabalho em casa. Marliete e Socorro,



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina

La sociología en tiempos de cambio

inclusive, deram relatos que “o artesão homem tem uma grande vantagem” já que “o trabalho doméstico atrapalha”. O que mais uma vez aponta para uma tomada de consciência sobre a condição delas enquanto mulheres na sociedade, assim como para a reflexão acerca desta condição.

Nesse sentido, para uma mulher adquirir prestígio fora do âmbito privado em geral, muitas vezes é preciso que ela concilie o trabalho doméstico com a vida pública. A história de como Marliete e Socorro se introduziram na arte do barro aponta para desigualdades de socialização entre ambas e seus irmãos, e como isso repercutiu em suas jornadas dentro da produção artesanal. As irmãs nos informaram que tudo começou quando elas, ainda crianças, brincavam com o barro e começaram a já vender peças. Ambas começaram observando seus pais fazendo as peças; a mãe fazendo utilitárias, e o pai com tradicionais. Ainda nos informaram que ainda nos contou que as mulheres (filhas de Zé Caboclo) começaram primeiro que os homens, já que estes precisavam ajudar na roça (apontando para uma distinção entre o público e o privado). Porém, as irmãs de Marliete se casaram e ela, por continuar solteira, participava mais de feiras e com isso ficou mais conhecida – inclusive internacionalmente.

Ambos os discursos das artesãs são embasados na luta que elas tiveram que enfrentar para se firmarem no mercado do artesanato. Marliete conta que teve de deixar de lado a timidez para poder se sobressair entre os demais artesãos. Isso, como aponta Cisne (2012), é consequência de uma socialização desigual entre meninos e meninas, em que desde a infância as mulheres são socializadas de modo a saberem os lugares que devem (e podem) ocupar enquanto mulher.

Assim, pode ser observado que apesar de exercerem uma importante e fundamental tarefa no processo de produção do artesanato do barro no Alto do Moura, o trabalho feminino é invisibilizado e desvalorizado – mesmo quando conseguem se destacar, como é no caso de Ernestina (o único nome feminino dentre os Mestres da geração anterior), Socorro e Marliete Rodrigues, filhas do famoso Zé Caboclo –, além das dificuldades encontradas como a necessidade de conciliar o trabalho das mulheres artesãs as atividades domésticas vistas como sua responsabilidade.



XXXI CONGRESO ALAS URUGUAY 2017

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

V. Conclusiones

A partir do exposto, não se deve deixar de considerar a importância de toda a análise realizada durante a pesquisa de campo juntamente à apropriação teórica no que se refere às categorias relacionadas, assim como todo o processo necessário para a construção do conhecimento científico, uma vez que:

a rigor, fazer etnografia não consiste apenas em “ir a campo”, ou “ceder a palavra aos nativos” ou ter um “espírito etnográfico”. Fazer etnografia supõe uma vocação de desenraizamento, uma formação para ver o mundo de maneira descentrada, uma preparação teórica para entender o “campo” que queremos pesquisar, um “se jogar de cabeça” no mundo que pretendemos desvendar, um tempo prolongado dialogando com as pessoas que pretendemos entender, um “levar a sério” a sua palavra, um encontrar uma ordem nas coisas e, depois, um colocar as coisas em ordem mediante uma escrita realista, polifônica e inter-subjetiva (Uriarte, 2012).

Nesse sentido, através de todo o processo necessário na construção do conhecimento científico, foi possível perceber a importância da categoria “divisão sexual do trabalho”, visto que esta traz um debate para o modo de produção capitalista ao qual o modo de produção na comunidade se adaptou e para a análise destes fenômenos e seus desdobramentos na vida social dos atores (com foco em Marliete e Socorro).

No que diz respeito à realidade dos indivíduos analisados, foi notável a questão de como as mulheres tentaram, e ainda tentam intervir no que está sendo produzido no Alto do Moura, incluindo novas peças, novos personagens etc., o que as torna não sujeitos passivos de toda a estrutura social a qual estão inseridas, mas agentes transformadoras da realidade social – e também sendo transformadas por ela.

Apesar de a mudança não alcançar níveis mais macrosociais, as próprias artesãs têm uma consciência não de classe, mas de gênero, que as tira da posição de submissão que a mulher muitas vezes é destinada socialmente. Ambas as artesãs entrevistadas apresentam uma reflexão crítica acerca da condição do que é “ser mulher”, assim como de suas próprias condições materiais enquanto mulheres. Tudo isso as levou, ao longo da construção do seu trabalho e carreira, a uma ação mais proativa em suas práticas e produções artesanais. Seja ao incluir mais personagens femininos a fim de trazer visibilidade para a história das mulheres,



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

ou ao dar o nome da loja em que vendem as peças de toda a família Zé Caboclo o nome de sua mãe: “Dona Celestina”, uma referência na arte do barro, assim como no Alto do Moura.

Portanto, mesmo com todas as construções sociais acerca do papel da mulher e quais locais ela deve (e pode) ocupar e também com a questão de o trabalho feminino na arte do barro, geralmente, ser invisibilizado, é possível encontrar artistas femininas que conseguem se sobressair e receber visibilidade no âmbito nacional e internacional. Ainda assim, não deve se deixar de ressaltar todas as dificuldades encontradas para a afirmação e resistência das mulheres artesãs, submetidas a invisibilização, desvalorização do seu trabalho, e principalmente muitas vezes desprovidas de condições para realizar as atividades do barro, uma vez que em muitos casos passam por uma dupla jornada de trabalho. Assim, as que conseguem conciliar o papel social de mãe e esposa com o de artesã configuram-se como mulheres de prática revolucionária que necessitam de todo apoio e divulgação possível. O que demonstra nosso interesse no trabalho de não só descrever tal realidade, mas também divulgar o trabalho de mulheres tão fortes e influentes em tal espaço.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

VI. Bibliografía

- Cisne, M. (2012). *Gênero, Divisão Sexual do Trabalho e Serviço Social*. São Paulo: Editora Outras Expressões.
- Costa, A., Sardenberg, Cecília., Vanin, Iole.(2010). *A institucionalização dos estudos feministas e de gênero e os novos desafios*. In: Pensando gênero e ciência. Encontro Nacional de Núcleos e Grupos de Pesquisa. Brasília: SPM.
- Fougeyrollas-Schwebel, D. (2009). Trabalho doméstico. In: HIRATA, H. [et al.] (orgs.). *Dicionário Crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP.
- Giddens, A. (2003). *A Constituição da Sociedade. "Elementos da teoria da estruturação"*. São Paulo: Martins Fontes.
- Hirata, H., Kergoat, D. (2007). *Novas configurações da divisão sexual do trabalho*. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, set./dez. Disponível em: <<http://scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0537132>> Acesso em: 12/02/2016.
- Kergoat, D. (2009). Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, H. [et al.] (orgs.). *Dicionário Crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP.
- Kergoat, D. (2010). *Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais*. IN: 11º Congresso da Associação Francesa de Sociologia (AFS):“Pensar o intrincamento dos sistemas de dominação: gênero, classe e raça”, Bordeaux. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/nec/n86/n86a05.pdf>>Acesso em: 28/09/2015.
- Kergoat, D., Picot, G., Lada E. (2009). Ofício, profissão, “bico”. In: HIRATA, H. [et al.] (orgs.). *Dicionário Crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP.
- Louro, G. (1997) *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós estruturalista*. Petrópolis: Vozes.
- Mauss, M. (2005). *Sociologia e antropologia*. São Paulo: CosacNaify.
- Rubin, G. (1993). *O Tráfico de mulheres: notas sobre a “economia política” do sexo*. Recife: SOS Corpo.
- Sennett, R. (2013). *O artífice*. Rio de Janeiro: Record.



**XXXI CONGRESO ALAS
URUGUAY 2017**

3 - 8 Diciembre / Montevideo

Las encrucijadas abiertas de América Latina
La sociología en tiempos de cambio

Uriarte, M. (2012). *O que é fazer etnografia para os antropólogos*. Ponto Urbe [Online], 11 | 2012, posto online no dia 14 Março 2014, consultado o 13 Agosto 2015. URL: <http://pontourbe.revues.org/300> ; DOI : 10.4000/pontourbe.300